

MEMÓRIA E TECNOLOGIA EM SALA DE AULA: UM DIÁLOGO DESAFIADOR

Rejany dos S. Dominick¹ (81896344704); Cirlene B. da Conceição² (15327986799);
Paula Fernanda de B. Barbirato² (14485740722); Ana Cristina M. M. Vieira² (00036367710).

¹ Pesquisadora da Faculdade de Educação da UFF

² Estudantes de Pedagogia da FEUFF e, respectivamente, bolsistas: PIBIC CNPq, PIBITI CNPq e PROEX UFF 2016

Resumo:

O trabalho é resultado do diálogo entre projetos de pesquisa e extensão, buscando aprofundar e produzir conhecimentos com os professores em formação inicial e continuada sobre a memória local em escola pública de Niterói, localizada entre dois espaços de moradia de população de baixa renda, por meio de narrativas e usando tecnologias educacionais. Pesquisamos a realidade escolar envolvendo licenciandos, estudantes e professoras em discussões relacionando a memória e o uso das tecnologias educacionais. Pelo caminho das perspectivas interativas de pesquisa, que colocam em diálogo a cultura escolar e a cultura universitária, realizamos atividades pedagógicas buscando gerar reflexões e ações nos sujeitos envolvidos, possibilitando o diálogo entre as diferentes formas do pensar e do fazer, potencializando a geração de práticas escolares instituintes.

Autorização legal: Registrado no SIGPROJ, protocolo: 223093.1115.28426.02022016, e na PROPPi-UFF, sob o número IC166686.

Palavras-chave: Formação Docente; Educação Básica; Inclusão Digital

Apoio financeiro: CNPq; PROEX-UFF; PROPPi-UFF

Introdução:

Identificamos que há presença de artefatos tecnológicos informacionais nas escolas, mas pouco uso dos mesmos. Identificamos como importante resgatar e organizar algumas histórias locais em diálogo com as tecnologias disponíveis, na escola e na universidade, para a construção de registros sobre a memória dos estudantes, bem como do bairro do Fonseca, em Niterói-RJ.

Buscamos aprender mais sobre a história local e o uso das tecnologias procurando gerar benefícios múltiplos e aprendizados marcados por experiências instituintes, pela troca de saberes entre escola, universidade e os docentes em formação inicial e continuada. Acreditamos que o compartilhamento de

conhecimentos permite reflexões críticas sobre o meio social que nos envolve e que é produzido por todos. Compreendemos que somos sujeitos históricos e produtores de conhecimento e que o resgate da memória local, por meio das narrativas orais dos próprios moradores, possa potencializar a construção de uma identidade coletiva e significativa para os moradores da Vila Ipiranga e do Morro Santo Cristo. Pois, como afirma Benjamin (1994):

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (p. 198).

Nosso estudo busca ouvir e possibilitar que jovens e crianças das comunidades afetadas por diferentes formas de violência expressem suas vivências e busquem, no contato com parentes ou moradores mais velhos, algumas memórias afetivas para ressignificar o espaço e tornarem-se também narradores.

A interação com as tecnologias possibilita aprendizados, registros e o recontar das histórias sobre o bairro, a escola e sobre as pessoas que moram na região. Buscando definir o que é tecnologia, dialogamos com Dominick e Souza (2011). Elas identificam que pode ser um artefato ou uma metodologia que tem por objetivo potencializar ou amplificar as capacidades humanas, podendo servir tanto para a dominação, quanto para a emancipação. As tecnologias estão presentes em todos os momentos da vida contemporânea mesmo que não tenhamos consciência de que as mesmas estão ativamente participando da nossa existência. Podemos citar, por exemplo, na escola, livros e computadores como artefatos tecnológicos e as maneiras como são usados estão ligadas aos métodos e concepções.

Metodologia:

O projeto contou com quatro momentos integrados: elaboração de proposta e apresentação da mesma à escola pelos licenciandos; conhecimento inicial do espaço e dos atores sociais; o desenvolvimento de oficinas, para aprofundamento do diálogo e

coleta de dados; e avaliação final. Aconteceu com 13 alunos, entre 10 a 13 anos, da turma de aceleração do 1º. Ciclo e sua professora de referência.

No primeiro momento realizamos a entrega da proposta à equipe gestora para que avaliasse se o tema proposto se conectava com o que a escola já estava trabalhando. Tal estratégia, além de exigida pela gestão escolar, possibilitou-nos explicitar que não chegávamos com uma proposta fechada, ao contrário, o projeto estava aberto e, de acordo com as necessidades e interesses da escola, buscaríamos dialogar com os atores sociais envolvidos.

Mediados pelas orientações da investigação participativa e da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1994; BRANDÃO, 1987, 1990), bem como em diálogo teórico com as elaborações do Instituto de Tecnologia Social (ITS, 2004), buscamos diminuir a separação entre os sujeitos investigados e os sujeitos investigadores para potencializar diálogos.

O movimento de aproximação com os estudantes visou o resgate de algumas capacidades dos alunos como a autoestima, a segurança para se comunicarem entre si e conosco, a autonomia e o desenvolvimento do senso crítico. Foram realizadas algumas oficinas. Aqui, vamos focar aquelas que trouxeram resultados marcantes.

A oficina *Bairro Fonseca Ideal* foi realizada em 4 fases. A atividade 1 consistiu em responder um questionário de múltipla escolha, preparado pela professora de referência, em que os estudantes deveriam identificar, inicialmente, se o bairro era residencial, comercial, industrial, pequeno ou grande. Na segunda pergunta deviam identificar, entre muitas opções, serviços e espaços do bairro.

Na atividade 2 foram mostrados os mapas do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro, disponíveis na escola. A turma revisou conteúdos já trabalhados pela docente.

Como terceiro momento propusemos um debate sobre o que seria um bairro ideal. A dinâmica “faz de conta” orientou uma discussão em torno do que pediriam ao prefeito do município para melhorar o local de moradia. No final, produziram material escrito: uma redação.

Após o recreio, fomos ao laboratório de informática para cada criança utilizar um computador e transcrever suas reivindicações ao prefeito, utilizando o Libreoffice Writer. A atividade foi mediada pelas bolsistas e professora de referência. Duas outras oficinas que se destacaram foram a de contação da história “Guilherme Augusto Araujo Fernandez” (1995), com foco no tema memória, e a que denominamos “Coisário”. Para a primeira

utilizamos Data Show, Notebook e livro impresso e digitalizado. Para a outra, combinamos que todos trariam objetos que remetessem a alguma memória afetiva e os apresentaríamos em uma roda de conversas.

Resultados e Discussão:

De acordo com a nossa metodologia, conseguimos abrir o caminho para que os discentes sentissem mais a vontade para compartilhar conosco suas experiências, pois inicialmente pareciam ter grande dificuldade para responder. Pareceu-nos timidez ou medo de errar. Porém, com o caminhar do trabalho sobre o *Bairro Fonseca Ideal* percebemos que eles se expressavam muito bem e alguns realizaram a leitura, em voz alta, das opções do questionário. As mais marcadas foram: ruas asfaltadas, árvores, muitas lojas, salão de beleza, pichadores, borracharia e sorveteria. A partir dessas respostas identificamos alguns conhecimentos a respeito do bairro e geramos discussão sobre as diferentes impressões sobre o lugar onde vivem.

Durante a atividade 2 percebemos que eles não haviam construído ainda conceitos simples como os de “contém e está contido”. Foi difícil diferenciar ou identificar que o bairro era parte do município e que este estava dentro do Estado. Nosso foco, contudo, estava em que percebessem que o Fonseca estava dentro da cidade de Niterói e que esta tinha um prefeito. Entendendo isso, caminhamos para o terceiro momento da oficina.

Os alunos mais falantes relutaram em participar do debate. Contudo, após perceberem que outros estavam motivados e participativos, animaram-se e arriscaram opiniões. Depois escreveram no papel algumas das aspirações que haviam surgido, para melhorar seu bairro.

Quando fomos para o Laboratório de informática para que digitassem suas redações, percebemos que para alguns essa era uma primeira experiência com as ferramentas do Sistema Linux. Possivelmente, foi o primeiro contato de alguns com o editor de texto e até com um *desktop*. Tivemos de explicar o uso do teclado para digitação e do mouse para efetuar seleções, além de outros comandos. Explicamos que não adiantava tocar na tela, como faziam com o celular.

Explicamos um pouco e os deixamos pesquisar as opções do programa: mexiam e remexiam nas formatações; alteravam o tamanho e o tipo de fonte e inseriam diversas formas para realçar seus textos. Destacaram-se algumas escritas, que transcrevemos *ipsis litteris*:

“O parque pode ser melhor e bonito com mais

brinquedo. A escola tivesse uma quadro para jogar bola e queimado.”

“Eu queria que melhorasse as ruas. E queria escola tivesse laboratório”

“Eu quero que tenha um parque de diversão Quero uma sorveteria de graça e ônibus de graça.”

“Eu gostaria de ter uma mansão no bairro fanseca Niterói para todo mundo da vila. Eu queria que dava carro de graça!!! Eu quero uma casa com tres piscina e tres quarto com minha foto!!!!!!”

“Eu gostaria que tivesse parque e moradia para todos os moradores. E também gostaria que tivesse uma escada rolante.”

Ao repassarem as redações escritas para o editor de texto, as crianças se familiarizavam com as ferramentas do Sistema, tiveram autonomia para pesquisar as opção do programa.

Na oficina sobre memória, tivemos resultados muito interessantes, pois apesar da dificuldade na leitura, uma das alunas se propôs a ler em voz alta uma parte do livro para o grupo. Os alunos acompanharam a história vendo o texto e as imagens ampliadas do livro projetadas na parede da sala e tendo contato com uma das muitas possibilidades de uso da tecnologia informacional no ambiente de sala de aula. Baixamos o livro na *internet*, que estava disponível em pdf. Durante a leitura fizemos algumas perguntas para investigarmos os conhecimentos que tinham em relação a memória e, ao final, pedimos que eles expusessem o que haviam entendido ser memória. Um respondeu que memória “é uma coisa muito antiga”. Outros afirmaram que memória “é uma coisa boa”. Entre as resposta significativas está a do menino A que associou a cabeça ao computador e as memórias aos arquivos, dizendo que “quando precisasse de uma memória/arquivo, bastava apenas acessá-la (o)”. Achamos muito interessante a visualização sistêmica realizada pelo aluno, mas pensamos que seria necessário problematizar e diferenciar a memória humana da memória de um artefato. Como voltaríamos ao tema, e aceitando a proposta da professora de referência, propusemos que trouxessem para o próximo encontro alguns objetos afetivos com vista a montarmos um “Coisário”. Durante a conversa com os estudantes, visando levantar possibilidades, surgiram as propostas de trazerem fotos, papel de bala, desenhos, brinquedos, uma casa. Chamou-nos a atenção a fala do aluno A afirmando que não traria nada, pois tinha “apenas memórias tristes” e que não queria lembrá-las.

No dia, alguns alunos não quiseram participar, pois relatavam não ter memórias boas e não queriam lembrar do passado.

Outros, foram bem receptivos. Uma aluna, em especial, trouxe diversos objetos que lhe traziam memórias, tanto boas quanto ruins, contou detalhadamente a importância de cada um na sua vida. Destacaram-se as histórias de uma blusa que a mãe havia jogado no lixo e que ela usara o pano para fazer vestidos para suas bonecas, e a do pingente em forma de duas metades do coração, que ela trouxe para dar, uma das partes, de presente, para uma colega de classe, com objetivo delas sempre se lembrarem desta amizade ao reverem o objeto. Tanto a professora como nós relatamos também nossas memórias, a partir dos objetos que levamos e falamos sobre a importância da memória de cada um e do grupo. Não foram feitos registros escritos pelos estudantes. Sentimos que o tema mexeu com eles e no momento da avaliação final o nó reapareceu quando perguntamos se em algum momento das nossas ações tínhamos feito algo que os tivesse incomodado. A princípio responderam: “Nada, tias!”, “Tias, vocês não fizeram nada. Nada mesmo!” Logo após, uma das alunas revelou, em um tom de voz quase inaudível, que sim. Pedimos que ela nos contasse para que pudéssemos melhorar nosso trabalho, sem medo, pois iríamos ouvi-la. Então, ela disse: “Eu não gostei da atividade que vocês fizeram com a gente da memória. Isso me deixou triste. Foi ruim lembrar o passado. O passado é tão irritante!” A professora de referência argumentou que naquele momento estávamos lembrando o passado, as memórias de tudo o que havíamos feito ao longo do projeto, e perguntou à menina se ela não estava feliz com a experiência daquele momento, já que estava sorrindo. A menina respondeu: “Eu to rindo, mas no fundo no fundo eu sinto raiva”.

Conclusões:

O objetivo geral do projeto PIBIC – **Memória, Narrativas e Tecnologia nos anos iniciais da educação básica e as “artes de fazer” no trabalho docente** é: “Aprofundar e produzir conhecimentos com os professores em formação inicial e continuada sobre a memória da Vila Ipiranga e do morro Santo Cristo, em Niterói, por meio de narrativas e usando novas e velhas tecnologias educacionais”. No projeto **Novas e tradicionais tecnologias nos anos iniciais da educação básica e a formação de professores 2016** (PIBITI) identificamos como problema o fato dos docentes dos Anos Iniciais da Educação Básica (AIEB) nem sempre trabalharem com foco na formação de sujeitos interagentes com os artefatos informacional disponíveis nas escolas. O objetivo geral do projeto de extensão **As “artes de fazer”, de usar e recriar tecnologias nos anos iniciais**

da educação básica 2016 foi: “produzir, construir, divulgar e aprofundar conhecimentos sobre as diferentes tecnologias educacionais presentes no cotidiano das escolas de Niterói, compartilhadamente com professores da educação básica e da universidade, em formação inicial e/ou continuada”.

Buscamos articular os projetos estimulando as narrativas, usando, apresentando e construindo conhecimentos com os artefatos tecnológicos, disponíveis na escola, por meio de oficinas estruturadas a partir dos princípios da educação dialógica. Fizemos um percurso profundamente enriquecedor para conhecermos um pouco mais o que pensam e sabem os 13 alunos da turma de aceleração com idade entre 10 e 13 anos e sua professora sobre os temas.

Para os pesquisadores esse processo foi um aprendizado profissional e humano, pois as metodologias interativas nos deslocam em direção a reflexões éticas profundas. Podemos nos perguntar sobre a aflição daquela aluna durante uma atividade que, para nós, tinha o objetivo de construir o conceito de memória, para iniciarmos o resgate das histórias sobre o bairro. Os estudantes com os quais trabalhamos vivem uma realidade de violência local muito grande que foi se configurando dramática devido às narrativas que ouvimos sobre tiroteios e mortes de parentes e amigos. Percebemos que demandavam trabalhos de resgate da esperança, da fraternidade e mesmo do sentido de infância, que permanece presente e que foi explicitado nos pedidos para o prefeito e nas roupas de boneca confeccionadas com o pano de uma camisa descartada. Aliás, esse reaproveitamento foi uma dica para uma outra oficina, a do “Cine debate” com o filme Wall-e, que conta a história de uma Terra entulhada de lixo e poluição atmosférica, que impossibilita a vida no planeta. Wall-e é um robô humanizado, que compacta o lixo existente no planeta e coleciona objetos que encontra ao realizar seu trabalho, construindo um “Coisário” e resgatando, dos escombros, memórias da vida humana na Terra.

Com relação à professora de referência temos muito a lhe agradecer por suas dicas, críticas e apoio. Ela nos disse que não levava os estudantes à sala de informática por não saber como usar o Sistema Linux e que as atividades junto conosco lhe deu umas ideias.

Contudo, é preciso ter a oferta de formação continuada para que o professor possa criar caminhos para usar as novas tecnologias disponíveis. Essa reflexão nos conduz também a pensar que no curso de Pedagogia da UFF há poucas oportunidades de

ação e reflexão sobre as tecnologias informacionais no cotidiano dos AIEB. A inclusão das tecnologias educacionais em nossas ações estimulou a criatividade de todos os participantes nos guiando pela necessária conexão entre a multiplicidade de saberes.

Referências:

BRANDÃO, C. R. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

_____. (org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

DOMINICK, R. dos S. e SOUZA, N. V. Tecnologias em diálogo na formação de professores. **Revista Aleph** (UFF. Online), Ano 5, v. 15, Julho de 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista15.pdf.pp.50-64>.

DOMINICK, R. dos S. **Novas e tradicionais tecnologias nos anos iniciais da educação básica e a formação de professores 2016**. Niterói, AGIR-PROPPi- UFF, PIBITI/PIBINOVA. 2015-2016. Disponível em <http://www.agir.uff.br/Arquivos/APD16.pdf>

DOMINICK, R. dos S.. **Memória, Narrativas e Tecnologia nos anos iniciais da educação básica e as “artes de fazer” no trabalho docente**. Niterói, PIBIC - PROPPi- UFF, Registro IC166686. 2015-2016. Disponível em <https://sistemas.uff.br/pibic/pibic/professor/projetosEmAndamento.uff?conversationId=2515> .

DOMINICK, Rejany dos S. **As “artes de fazer”, de usar e recriar tecnologias nos anos iniciais da educação básica 2016**. Niterói, PROEx- UFF, **Protocolo SIGPROJ** 223093.1115.28426. 02022016. 2016.

FOX, M. **Guilherme Augusto Araujo Fernandes**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.

ITS (Instituto de Tecnologia Social). **Tecnologia social: uma estrada para o desenvolvimento**. F. B do B, RJ: 2004. Disponível em <http://www.itsbrasil.org.br/infoteca/tecnologia-social/tecnologia-social-uma-estrategia-para-o-desenvolvimento>.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. S. P.: Cortez, 1994.